

Saudade ardida

Tinha tempo que não levantava de madrugada, corpo suado, ofegante, uma típica saída de pesadelo. Um carro ia indo me atropelar, acordei!

Devagar me levantei da cama, caminhei pelo escuro reconhecendo algumas frestas e afinal me inteirei da situação: estava no meu quarto, na minha casa, na minha vida, mas com uma dor aguda de punhal no peito, uma saudade de outro quarto, outra casa, outra vida.

Lembrei, então, de uns quantos gestos dele, o companheiro. Coisinhas miúdas como uma rinite crônica, um jeito de botar pra trás o cabelo liso, uma risada volumosa... E aí o punhal cravou mais cinco centímetros.

Cheguei a formular a ideia de que talvez estivesse enfartando. Me lembrei dos tempos em que pensava nisso noite adentro, espantada com minha solene solidão no novo quarto, na nova casa, na nova vida. Se eu enfartasse, quem me descobriria caída no chão?

Achei que já tinha sumido tudo isso, se esfumado, que fosse uma lembrança de juventude um pouco bem vivida, um pouco desperdiçada, como quase sempre é a juventude. Só que não, não sumiu, não esfumou. A violência do punhal que seguiu penetrando minhas carnes por horas... – lento... afiado... insidioso... – era de uma crua verdade velha: o que construímos se acabou.

Eu tinha ficado um bom tempo parada no meio do acontecimento que eram as sobras dele e as minhas tentando dialogar sem sucesso. Já tinha ficado só no meio de um turbilhão que eu supunha (por ética ou por medo, não sei) que devia esperar passar. Esperei como as roupas esperam o fim do enxágue. Era uma sina. E acabaria uma hora.

Quando acabou, eu estava toda engorovinhada, colada em um canto, centrifugada.

Com os dias, ressequida, descolei da parede, caminhei até a porta, vi uma luz cega, sem cor, fosca... Corri. Corri desesperadamente sem olhar pra trás, sem pensar em nada, sem sentir os pés escalavrando. Corri tudo o que podia, todas as minhas forças.

Quando dei por mim, já estava enfrentando noites e punhais.

O desta noite doeu muito, muito mesmo. Parece que acumulava todas as estocadas de antes mais a surpresa de me pegar de novo sangrando, justo ali onde eu supunha cauterizada a cicatriz.

Lembrei da minha avó falando nas benesses das sangrias. Isso me deu calma, eu arranquei o punhal com um gesto decidido, pus na pia da cozinha e voltei pro quarto, mão no coração, a ver se estancava um pouco.

Quando deitei, com certa dificuldade, me lembrei de novo dele com uma saudade que até ardia! E a ferida deitou a sangrar de novo, jorrava. Dormi de cansaço e pena.

Acordei um pouco melhor. No espelho do banheiro, conferi a cicatriz e vi o cômulo da solidão: olhando assim, ninguém diria que sangrou à noite.